

A LÍNGUA GÓTICA

Fabricio Possebon
UFPB

Resumo

Invasores germânicos ocuparam a Península Ibérica por alguns séculos, acentuando as modificações já existentes no latim vulgar lusitânico. Este artigo apresenta um fragmento de texto gótico, detalhadamente traduzido e comparado com o alemão, o inglês e o holandês, para que se tenha uma idéia, ainda que imprecisa, das línguas faladas por estes povos “bárbaros”, como foram então denominados pelos romanos.

Palavras-chaves: Língua gótica, história da língua portuguesa, Bíblia wulfliana.

Introdução

Chegam à Península Ibérica, romanizada desde o III a.C., os invasores germânicos (vândalos, suevos e visigodos ou godos do ocidente, nesta respectiva ordem) e os invasores orientais (alanos). Destes últimos pouco se sabe e também pouca influência deixaram.

A invasão “bárbara”, iniciada em 409 d.C. e concluída em 711 d.C., com a chegada dos árabes, é parte da movimentação dos povos em todo o mundo romano, relacionada com a história da queda do império no ocidente, cujas causas são, em resumo: a decadência das elites, a derrocada econômica, o desequilíbrio social e a diminuição constante da massa demográfica.

No que tange à língua, é fato notável que os germanos abandonaram suas línguas originais e adotaram o latim. Vão também abandonar sua religião, o arianismo, e converter-se ao catolicismo.

De fato, o número de invasores foi relativamente pequeno. Estima-se, no caso dos visigodos (que chegaram em 585 d.C.), em 200.000 “bárbaros” comandando uma população de hispano-romanos de 4 milhões de indivíduos, ou seja, eles são apenas 5% do total. Para a vida do cidadão hispano-romano comum, a invasão não foi tão drástica, já que os germanos mantiveram o direito romano e também as antigas demarcações das propriedades. O que fizeram efetivamente foi a substituição da elite romana que cobrava os impostos das propriedades.

Não se registram influências de suas línguas na fonética, fonologia, morfologia ou sintaxe do latim vulgar, assim parece que sua contribuição limitou-se ao léxico (cerca de 300 palavras).

2. Textos germânicos

Chama-se *germânico comum* (*Urgermanisch*, em alemão) a língua indo-européia desenvolvida no norte da Europa, mais precisamente entre o rio Vístula, os Alpes e o rio Reno. Desta língua hipotética, ou seja, não documentada em textos, derivam três ramos: nórdico, ocidental e oriental.

No nórdico ou setentrional, encontramos inscrições na língua rúnica (as inscrições runas são os mais antigos registros germânicos - III d.C.) e as línguas escandinavas: sueco, islandês, dinamarquês e norueguês. O ramo ocidental divide-se em alto-alemão (bávaro, alemânico e francônico), baixo-alemão (velho-saxão, depois *plattdeutsch*, velho baixo-francico, depois holandês e flamengo), inglês e frisão. Finalmente, no ramo oriental, agrupa-se uma série de povos, cujas línguas não deixaram registros: Vândalos, Burgúndios, Rúgios, Gépidas, Hérulos e os Godos, com a língua gótica, conservada principalmente com a tradução da Bíblia feita pelo bispo Wulfila (311-383 d.C.). Estes ainda se dividiram entre Visigodos (Godos do ocidente) e Ostrogodos (Godos do oriente).

Portanto, dos povos germânicos invasores da Península Ibérica temos o seguinte quadro: suevos (do ramo ocidental) e vândalos (do ramo oriental) sem registro lingüístico, enquanto que dos godos temos a língua gótica.

O trabalho de tradução de Wulfila deve ter sido considerável, pois ele é o iniciador da língua literária, manipulando uma norma até então usada apenas como veículo de comunicação que agora passa a expressar conceitos filosóficos. Daí alguma desconfiança que pode surgir quanto à língua usada. Talvez exista algum artificialismo na ordem das palavras, que procura reproduzir fielmente o original grego. De qualquer modo, a tradução gótica é o melhor documento existente hoje para nos aproximar das línguas faladas pelos “bárbaros” germânicos na época da invasão.

Apresentamos, então, uma passagem do Evangelho de Lucas – um trecho da parábola do filho pródigo – e, para melhor sedimentar a compreensão do texto, o compararemos com a tradução alemã de Martinho Lutero (1483-1546 d. C.) e com a tradução inglesa do rei James (1566-1625 d. C.). Algumas palavras do holandês vão mencionadas com o mesmo intuito.

Finalmente uma palavra sobre a pronúncia do gótico. Wulfila inventou o alfabeto gótico tendo por modelo o latino, o rúnico e, principalmente, o grego. Trata-se de 27 signos, sendo 2 exclusivos para números e 25 para letras e números simultaneamente. Como esperado das línguas antigas, a pronúncia é sempre problemática e o leitor deve buscar as obras especializadas se quer se aprofundar na questão, mas para efeito de nossa proposta apresentamos um guia, evidentemente simplificado. Assim vamos ler como em português: *p, t, k, r, l, m, n, s, z*. O “s” é sempre surdo, como em *sapo*, o “z” é sempre sonoro como em *casa* e *zero*, o “r” é vibrante como em *cara*, o “m” e o “n” não nasalizam as anteriores, portanto deve-se ler como em italiano, e o “l” não se vocaliza mas mantém sempre seu valor como a pronúncia gaúcha de, por exemplo, *Brasil*. O “j” é a semivogal “i”, como em *pai*; e o “w” é a semivogal “u”, como em *pau*. A letra gótica *thyth*, cujo símbolo não temos em nosso teclado, foi substituída pelo “th”, e deve ser lida como no inglês *think*, “pensar”. Também não temos a letra *uuauer*, substituída pelo “hw” e lida como “wh” no inglês *what*, “o que”. O “h” é a aspiração como no inglês *house*, “casa”. O “q” deve ser lido [kw], como no inglês *queen*, “rainha”. Diferente do acento musical do grego e latim, o grupo germânico tem sempre um acento tônico, que incide na primeira sílaba, salvo se se trata de verbos compostos com prefixos, quando então o acento fica no radical. Assim lemos o versículo 11 “*mánne súms áihta twáns súnuns*”, mas no versículo 12 “*jáh disdáilida ím swés séin*”. O gótico também distinguia vogais longas de breves, mas não é o caso aqui de enfrentar o problema. Vamos, então, ao texto, que está transcrito com o alfabeto latino, como já é tradição nos estudos de germanística.

2.1 Texto em gótico - Lucas 15, 11-17, na tradução de Wulfila:

- 11 Manne sums aihta twans sununs;
- 12 jah qath sa juhiza ize du attin: atta, gif mis sei undrinnai mik dail aiginis; jah disdailida im swes sein.
- 13 Jah afar ni managans dagans, brahta samana allata sa juhiza sunus, jah aflaiht in land fairra wisando, jah jainar, distahida thata swes seinata libands usstiuriba.
- 14 Bithe than frawas allamma, warth huhrus abrs and gawi jainata. Jah is dugann alatharba wairthan,
- 15 jah gaggands gahaftida sik sumamma baurgjane jainis gaujis, jah insandida ina haithjos seinazos haldan sweina.
- 16 Jah gairnida sad itan haurne, thoei matidedun sweina, jah manna imma ni gaf.

- 17 Qimands than in sis qath: hwan filu asnje attins meinis ufarassau haband hlaibe, ith ik huhrau fraqistna!

Notas para o entendimento do texto gótico, por versículo:

- 11 *Manne sums*, “algum dos homens”, *manne* é genitivo plural de *manna*, “homem”. Em alemão é *Mann* ou *Mensch* (“pessoa”, “ser humano”), em holandês é *mens*. Em inglês: *some man*, “certo homem”, mas na Bíblia de James *a certain man*. *Aihta*: “possuía”, do verbo *aigan*. No verso seguinte *aignis*, da mesma raiz, no genitivo plural: “das posses, bens”. *Twans sununs*, acusativo plural, “dois filhos”. Em alemão *zwei Söhne*, em holandês *twee zonen*, em inglês *two sons*. Tradução literal do versículo: “Um dos homens possuía dois filhos”, ou melhor, “Certo homem tinha dois filhos”.
- 12 *Jah*: conjunção “e”. *Qath*: “disse”, do verbo *qithan*: “dizer”. *Sa*: artigo masculino “o”; *juhiza*: “o mais jovem”. Em alemão *jüngere*, em holandês *jongste*, em inglês *younger*. *Is, ita, si*, pronome de terceira pessoa, *ize* é o genitivo plural: “deles”. *Du*, preposição “a” com dativo, *atta*: “pai” (nominativo e vocativo), termo familiar, em substituição de *fadar*. Então *du attin*: “ao pai”. *Gif*, “dê”, do verbo *giban*, em alemão *gib*, em holandês *geef*, em inglês *to give*. *Mis*, “a mim”, *mik*, “me”. *Sei*, pronome relativo “que”. *Undrinnai*, “pertence”, do verbo *und-rinnan*. O verbo *rinnan* é “correr”. Em alemão e holandês, *rennen*, em inglês *to run*. *Dail*, “porção”, “parte”, *Teil* em alemão, *deel* em holandês, mas em inglês temos *deal*, “acordo”, “transação”, e os termos com radicais latinos: *portion*, *part*. *Aiginis*, ver a nota 11. *Disdailida*: “dividiu”, “distribuiu”, do verbo *dis-dailjan*. *Im*, dativo do pronome de terceira pessoa, “para eles”, *swes*, “bens”, “propriedade”, *sein*, possessivo “seu”, “sua”. Tradução literal do versículo: “E disse o mais jovem deles ao pai: pai, dá a mim, que me pertence, a porção dos bens; e dividiu-lhes sua propriedade.”, ou melhor, “E o mais jovem deles disse ao pai: pai, dá-me a porção dos bens que me pertence, e [o pai] dividiu-lhes sua propriedade.”
- 13 *Afar*: “depois de”. *Ni*: “não”, em alemão *nicht*, em holandês *niet*, em inglês *not*. *Managans*: “muitos”, em inglês *many*. *Dagans*: “dias”, em alemão *Tages*, em holandês *dagen*, em inglês *days*. *Brahta*, “trouxe”, do verbo *briggan*. Em alemão *bringen*, em holandês *brengen*, em inglês *to bring*. Todavia, as bíblias modernas usam verbos diferentes, como veremos. *Samana*: “junto”, em alemão *zusammen* (*zu* + *sammen*). *Allata*: “tudo”, em alemão e holandês *alles*, em inglês *all*. Até este ponto a tradução literal é: “E depois de não muitos dias, trouxe tudo

junto o filho mais jovem.” *Aflaith*, “foi”, “partiu em viagem”, do verbo *af-leithan*. Em inglês *to leave*. In *land fairra*, “em país distante”. *Land* é comum a muitas línguas, bem como *in*, “em, dentro”. Comparar *fairra* com a tradução inglesa de James a *far country*. *Wisando*, particípio presente do verbo *wisan*, “ser”, “existir”, aqui concordando em caso, gênero e número com *land*, acusativo, neutro, singular. Portanto, traduzimos: “em país sendo distante” ou “em um país que é distante”. Tal uso segundo os especialistas não é do gótico, mas trata-se de um decalque do grego, todavia nesta passagem, no texto grego remanescente, está simplesmente *eis xhóran makrán*, “a um país distante”. Conforme já dito, não sobreviveu o original grego usado por Wulfila. Recordar ainda a semelhança entre o verbo gótico *wisan* com a forma do verbo alemão *sein* no passado *war*; do holandês *zijn* e do inglês *to be*, *was*. *Jah*, “e”, *janar*, “lá”, “ali”. *Distahida*, “dissipou”, do verbo *dis-tahjan*. *Thata swes seinata*, “estes seus bens”, “a sua propriedade”, *thata* é o acusativo do pronome *sa*, “este”, *swes seinata*, já visto no versículo anterior, mas em outro caso gramatical. *Libands*, “vivendo”, do verbo *liban*. Em alemão *leben*, em holandês, *leven*, em inglês *to live*. *Usstiuriba*, “de maneira desregrada”, literalmente o advérbio é construído com o prefixo opositivo *us* e o verbo *stiurjan*, “estabelecer”. Recordar o alemão *steuern*, “governar”, “pilotar”, “estar no leme”, o holandês *sturen* e o inglês *steer*. No grego, *staurós*, “estaca” e o latim *in-stauro*, “estabelecer solidamente”, “instaurar”. Tradução literal de todo o versículo: “E depois de não muitos dias, reuniu tudo junto o mais jovem filho, e foi a um país que está distante, e lá dissipou os seus bens, vivendo dissolutamente”.

- 14 *Bithe*: “depois que”, “quando”, “logo”; *than*: “que”, “quando”. Em alemão *dann*, em holandês *dan*, em inglês *than* e *then*. *Frawas*, “gastou”, do verbo *fra-wisan*. *Allamma*: “tudo”, ver a nota 13. *Warth*: “fez-se”, “apareceu”, do verbo *wairthan*, “tornar-se”. Em alemão *werden*, em holandês *wekken*. *Huhrus*: “fome”. Em alemão *Hunger*, em holandês *honger*, em inglês *hunger*. Nas bíblias, todavia, os termos são, respectivamente, *Teuerung*, *hongersnood*, *famine*, que são mais do que a “fome”, ou seja, a “carestia”. *Abrs*: “forte”, “robusto”, o que está de acordo com os termos do texto latino *validus*, *a,um*, grego *ischyrós*, *á,ón* e inglês *mighty*, mas nas traduções alemã e holandesa, respectivamente, *grosse* e *grote*, soam mais como “grande”. *And*: “em”, “dentro de”, preposição com acusativo. *Gawi*: “país”, “terra”. Em alemão *Gau*, “distrito”, “comarca”, “cantão”. Em grego *gê*, “terra”. *Jainata*, acusativo de *jains*, “aquele”. Em alemão *jener*, “aquele”, em inglês *yon* e *yonder* “lá”, “naquele lugar”. Tradução literal desta parte do

versículo: “Depois que dissipou tudo, surgiu uma fome dura naquele país”. *Jah*, “e”, *is*, “ele”, *dugann*, “começou”, do verbo *du-ginnan*. Em alemão e holandês *beginnen*, em inglês *to begin*. Deve-se entender estes verbos como um prefixo *be* seguido do radical. *Alatharba*, “indigente”, *wairthan*, “tornar-se”. Tradução literal do final do versículo: “e ele começou a tornar-se indigente.”

- 15 *Jah*, “e”, *gaggands*, “indo”, do verbo *gaggan*. Em alemão *gehen*, em holandês *gaan*, em inglês *to go*. *Gahaftida*, “pôs-se a serviço de”, do verbo *ga-haftjan* com o reflexivo *sik*. *Sumamma*, dativo de *sums*, “algun”, rever a nota 11. *Baurgjane*, genitivo plural de *baurgja*, “habitante do país” ou da *baurgs*, “cidade”. Em alemão e holandês *Burg* “castelo”, daí o termo “burguês”. *Jainis gaujis*, genitivo singular, “daquele país”, já visto na nota anterior em outro caso gramatical. Tradução literal deste trecho: “E foi, associou-se a um dos cidadãos daquele país”. *Jah*, “e”, *insandida*, “enviou”, do verbo *in-sandjan*. Em alemão *senden*, em holandês *zenden*, em inglês *to send*. *Ina*, acusativo do pronome de terceira pessoa. *Haithjos seinazos*, acusativo de direção, “aos campos seus”. Em gótico *haithi*, “campo” ou “país”, em alemão e holandês *Heide*, “país”, em inglês *heath*, “charneca”, “terreno inculto”. *Haldan*, “cuidar”. Em alemão *hüten*. *Sweina*, “porcos”. Em alemão *Schwein*, em holandês *zwijn*, em inglês *swine*. Relembrar o latim *sus*, *suis*, “porco”, “javali”. Tradução literal do final do versículo: “e enviou-o a seus campos para guardar os porcos.”
- 16 *Jah*, “e”, *gairnida*, “desejava”, do verbo *gairnjan*. *Sad*, entendemos que aqui é *sa*, “este”, *itan*, “comer”. Em alemão, *essen*, em holandês *eten*, em inglês *eat*, em latim *edo*, em grego *esthío*. O nosso português vem do latim *cum-edo*. *Haurne*, genitivo plural de *haurn*, “cornos”, “alfarroba, ou seja, uma espécie de vagem”, segundo os especialistas por causa da forma de chifre. O termo em português vem do árabe *al-harruba*, pelo espanhol. Em grego também *kerátion* tem os dois significados. Em alemão e inglês *Horn*, em holandês *hoorn*, em latim *cornu*. *Thoei*, acusativo plural do relativo, “os quais, as quais”, *matitedun*, “comiam”, do verbo *matjan*. Recordar o inglês *meat*, “carne”. Na *vulgata latina* está o verbo *manducare*, que dá o francês *manger* e o italiano *mangiare*. *Sweina* “porcos”, já foi visto no versículo anterior. *Jah*, “e”, *manna*, “homem”, rever o versículo 11, *imma*, dativo singular do pronome de terceira pessoa, “a ele”, *ni*, “não”, *gaf*, “dava”, do verbo *giban*, também já visto no versículo 12. Tradução literal de todo o versículo: “E ele desejava comer das alfarrobas, as quais os porcos comiam, e homem a ele não dava”, ou melhor, “e desejava comer alfarrobas, que os porcos comiam, e ninguém lhe dava”.

O termo *manna*, “homem”, é aqui usado como indefinido. Recordar o alemão *Mann*, *man*, respectivamente, “homem” e “a gente” (*man sagt*, “diz-se”); em francês *homme*, *on*, ambos do latim *homo*, *inīs* (*on dit*, “diz-se”) e o português arcaico *homem* no seguinte exemplo da carta de Caminha, parágrafo 29: “Davam-nos daqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que homem lhes queria dar”.

- 17 *Qimands*, “vindo, chegando”, do verbo *qiman*. Em alemão *kommen*, em holandês *komen*, em inglês *to come*. *Than*, “então”, já visto no versículo 14. *In sis*, “em si”, preposição com dativo, *qath*, “disse”, também já visto no versículo 12. Tradução do trecho: “Voltando a si [mesmo] então disse”. *Hwan filu*, “quantos”. Em alemão *wieviel*. *Asnje*, “dos trabalhadores”, genitivo plural de *asneis*. *Attins meinis*, “de meu pai”, *atta* foi visto no versículo 12. *Ufarassau*, “em abundância”, dativo de *ufarassus*, “supérfluo”. Destaca-se a preposição *ufar*, em alemão *über*, em holandês e inglês *over*, em latim *super* e em grego *hypér*. *Haband*, “têm”, do verbo *haban*, comum a muitas línguas. *Hlaibe*, “de pães”, genitivo plural de *hlaifs*. Em alemão *Leib*, “barriga”, em inglês *loaf*, “pão”. Tradução desta passagem: “quantos dos trabalhadores de meu pai em abundância têm de pães”, ou melhor, “quantos trabalhadores de meu pai têm pães em abundância”. *Ith*, “mas”, conjunção adversativa. *Ik*, “eu”, comum a muitas línguas germânicas. *Huhräu*, “de fome”, dativo singular de *huhrus*, já visto no versículo 14. *Fraqistna*, “morro”, “pereço”, do verbo *fra-qistman*. Tradução literal de todo o versículo: “Voltando a si [mesmo] disse: quantos trabalhadores de meu pai têm pães em abundância, mas eu morro de fome!”.

22 Texto em inglês, Lucas 15, 11-17, na tradução do rei James:

- 11 And he said, A certain man had two sons:
 12 And the younger of them said to his father, Father, give me the portion of goods that falleth to me. And he divided unto them his living.
 13 And not many days after the younger son gathered all together, and took his journey into a far country, and there wasted his substance with riotous living.
 14 And when he had spent all, there arose a mighty famine in that land; and he began to be in want.
 15 And he went and joined himself to a citizen of that country; and he sent him into his fields to feed swine.
 16 And he would fain have filled his belly with the husks that the swine did eat: and no man gave unto him.

- 17 And when he came to himself, he said, How many hired servants of my father's have bread enough and to spare, and I perish with hunger!

James I (1566-1625 d. C.) ou James VI da Escócia subiu ao trono em 1567, após a renúncia forçada de sua mãe Maria Stuart. O período de seu reinado é bastante conflituoso e a nós interessa apenas saber que promoveu discussões entre puritanos e bispos anglicanos em *Hampton Court*. Como resultado desta conferência, que pretendia uma reforma na igreja estatal, foi instituída uma comissão de 47 eruditos, sob a orientação do bispo Andrews, para a tradução da Bíblia. Tal trabalho é conhecido como “King James Version” e o inglês em uso é tido como elegante e preciso. A tradução foi publicada em 1611.

As notas ao texto inglês são por versículo:

- 12 O verbo *to fall* com a antiga desinência de terceira pessoa *-th* e o sentido de “pertencer”. *Living*, “propriedade, bens, subsistência”, do verbo *to live*, “existir”, “viver”. Recordar a relação existente, em português, entre *viver* e *víveres*.
- 11 *With riotous living*, “com uma vida desordeira”
- 16 *Fain*, advérbio arcaico, “alegremente”. *Belly*, “estômago, abdômen”. *Husk*, “casca”. O texto de James está um tanto mais desenvolvido que o gótico. Evidentemente, a tradução inglesa tem como ponto de partida o latim e o grego e não o gótico.
- 15 *Hired servants*, “trabalhadores pagos, contratados”. *Bread*, “massa fermentada” e não *loaf* “pão sem fermento”, como no texto gótico.

2.3 Texto em alemão, Lucas 15, 11-17, na tradução de Lutero:

- 11 Ein Mensch hatte zwei Söhne.
- 12 Und der jüngere unter ihnen sprach zu dem Vater: Gib mir, Vater, das Teil der Güter, das mir gehört. Und er teilte ihnen das Gut.
- 13 Und nicht lange danach sammelte der jüngere Sohn alles zusammen und zog ferne über Land; und daselbst brachte er sein Gut um mit Prassen.
- 14 Als er nun all das Seine verzehrt hatte, ward eine grosse Teuerung durch dasselbe ganze Land, und er fing an zu darben.
- 15 und ging hin und hängte sich an einen Bürger desselben Landes; der schickte ihn auf seinen Acker, die Säue zu hüten.

- 16 Und er beehrte, seinem Bauch zu füllen mit Trebern, die die Säue assen; und niemand gab sie ihm.
- 17 Da schlug er in sich und sprach: Wieviel Tagelöhner hat mein Vater, die Brot die Fülle haben, und ich verderbe im Hunger!

Martinho Lutero (1483-1546 d. C.), conhecedor dos textos bíblicos em latim e grego e das inúmeras versões nas variadas línguas locais, propõe uma tradução, cujo trabalho consumiu, segundo alguns, cerca de vinte anos. A grandeza de tal obra impôs-se como modelo para a maioria dos escritores a partir de então. As notas são por versículo:

- 13 *Mit Prassen*, “com desperdício”.
- 15 *Säue*, plural de *Sau*, “porca”. Como visto, a opção de tradução no texto gótico é pelo masculino *swein*, “porco”.

3. Conclusão

As informações sobre datas, personagens e acontecimentos são evidentemente interessantes, todavia entendemos que o trabalho com o texto é fundamental para o aprendizado. Assim, após uma visão geral da história da invasão “bárbara” na Península Ibérica e da classificação das línguas germânicas, detivemo-nos demoradamente na interpretação de um texto gótico. Nossa proposta é modesta, quisemos apenas mostrar uma possibilidade no muito que há por fazer.

O estudo da língua dos godos ainda pode muito contribuir para a história da língua portuguesa na sua origem, portanto registre-se nosso convite aos jovens estudantes, principalmente de inglês e alemão, que se dediquem também aos estudos diacrônicos.

REFERÊNCIAS

- MEILLET, Antoine e COHEN, Marcel.(1924) *Les langues du monde*. Paris: Édouard Champion.
- MOSSÉ, Fernand. (1942) *Manuel de la Langue Gotique. Grammaire. Textes. Glossaire*. Paris: Éditions Mouton.
- NETO, Serafim da Silva.(1952) *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- STÖRIG, Hans Joachim. (1990) *A aventura das línguas*. Tradução de Glória Paschoal de Camargo. 2ª ed. São Paulo: Melhoramento.